

ELA DISSE: UMA ANÁLISE DA ABORDAGEM LITERÁRIA NA REPORTAGEM INVESTIGATIVA QUE IMPULSIONOU O MOVIMENTO #METOO

Érica Tomaz Borges ¹

Vanessa Wendhausen Lima ²

RESUMO: Este artigo analisa a reportagem investigativa *Harvey Weinstein Pagou Acusadores de Assédio Sexual Por Décadas*, partindo do olhar literário baseado no conceito da Estrela de Sete Pontas de Felipe Pena (2011) e nas características de jornalismo investigativo apresentadas por Leandro Fortes (2005). A matéria a ser estudada foi lançada em 2017 pelo jornal The New York Times e escrita pelas jornalistas Jodi Kantor e Megan Twohey. A história trazida por elas conta da relação abusiva do produtor de Hollywood, Harvey Weinstein, com as inúmeras funcionárias que trabalhavam para ele nas empresas *Weinstein Company* e *Miramax Films*, mulheres essas a quem ele oferecia ‘favores sexuais’ em troca de ajuda na carreira. As jornalistas dão voz a diversas mulheres para darem seus relatos perturbadores de como era trabalhar para alguém com tanto poder. Como resultado, a pesquisa apontou para a presença de elementos do jornalismo literário identificados através do conceito proposto, a Estrela de Sete Pontas, na reportagem caracterizada como investigativa.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Literário; Jornalismo Investigativo; Ela Disse; Harvey Weinstein.

1 INTRODUÇÃO.

A reportagem *Harvey Weinstein Pagou Acusadores de Assédio Sexual Por Décadas*, publicada no dia 05 de outubro de 2017 pelo jornal The New York Times e escrita pelas jornalistas Jodi Kantor e Megan Twohey, conta a história do produtor de Hollywood Harvey Weinstein e as inúmeras denúncias de assédio sexual feitas contra ele por mulheres que trabalhavam direta e indiretamente para ele. Além de revelar os abusos sofridos pelas funcionárias de Weinstein, a reportagem revelou também uma rede de advogados contratados por ele responsáveis por comprar o silêncio das

¹Graduanda em Jornalismo. E-mail: ericaborgess@gmail.com

² Orientadora e Professora do curso de Jornalismo da Faculdade Satc. E-mail: vanessa.wendhausen@satc.edu.br

vítimas em troca de pagamento, e inspirou mulheres de todo o mundo a se unirem através do movimento #MeToo³.

Em 2017, quando começamos nossa investigação sobre Harvey Weinstein para o New York Times, as mulheres tinham mais poder do que nunca. O número de empregos ocupados quase que exclusivamente por homens – policial, soldado, piloto de avião – tinha diminuído tanto que por pouco não se extinguiria. Mulheres governavam países como a Alemanha e o Reino Unido e lideravam empresas como a General Motors e a PepsiCo. Em um ano de trabalho, era possível para uma mulher de trinta e poucos anos ganhar mais dinheiro do que todas as suas ancestrais tinham ganhado em suas vidas inteiras somadas.

Mas as mulheres continuavam a sofrer assédio sexual sem que ninguém fosse punido. (KANTOR, TWOHEY, 2019, p.09)

No artigo, as jornalistas utilizam-se do memorando escrito por uma das funcionárias assediadas, Lauren O'Connor, para contar a história. O memorando foi escrito por cerca de dois anos e nele relatos de várias funcionárias da Weinstein Company, incluindo os da própria O'Connor, foram descritos com detalhes, para posteriormente serem enviados ao conselho da empresa.

Após revelarmos os assédios e abusos sexuais supostamente cometidos por Harvey Weinstein numa matéria de 5 de outubro de 2017, vimos, perplexas, o muro de uma represa se romper. Milhões de mulheres no mundo todo contaram suas próprias histórias de assédio. Muitos homens de repente tiveram de arcar com as consequências de seu comportamento predatório, em um momento de prestação de contas sem precedentes. (KANTOR, TWOHEY, 2019, p.10)

No livro Ela Disse (2019), as jornalistas relatam todo o antes e depois da publicação da matéria, e contam a importância da investigação e das provas neste tipo de trabalho. Por se tratar de um assunto polêmico e envolvendo alguém importante no meio das celebridades, fazer uma matéria somente baseada em relatos poderia comprometer a veracidade da informação, por isso o memorando de O'Connor foi tão importante.

³ O movimento “#MeToo” ganhou força em 2017 quando a atriz Alyssa Milano publicou no seu twitter um pedido para que todas as pessoas que já sofreram assédio sexual usassem a hashtag #MeToo. E foi aí que o termo viralizou não só em Hollywood, mas no mundo todo. Homens e mulheres compartilharam inúmeras histórias de abusos e assédios sexuais.

Nossa investigação sobre Weinstein ocorreu durante um período de denúncias de fake news⁴, quando a própria noção de um consenso nacional sobre o que é a verdade parecia estar se fragmentando. Mas o impacto das revelações sobre ele em parte foi bastante grande porque nós e outros jornalistas conseguimos estabelecer um claro e gigantesco conjunto de provas das infrações. (KANTOR, TWOHEY, 2019, p.11)

As jornalistas trazem para o público relatos das vítimas e pessoas próximas a elas, utilizando-se da escrita literária para transmiti-las e rompendo com a simplicidade das matérias cotidianas, além da carga de pesquisa da investigação feita para a construção da reportagem. É a partir dessas observações que busca-se responder o seguinte **problema**: Como a reportagem *Harvey Weinstein Pagou Acusadores de Assédio Sexual Por Décadas* pode ser analisada pela abordagem do jornalismo literário da Estrela de Sete Pontas?

O presente estudo tem como objetivo geral analisar o jornalismo literário do objeto de estudo baseando-se na Teoria da Estrela de Sete Pontas de Felipe Pena (2011) e apontar as características do conceito de jornalismo investigativo presentes na reportagem. Os objetivos específicos são: compreender a Estrela de Sete Pontas no Jornalismo Literário e suas características; verificar as características de Jornalismo Investigativo presentes na narrativa.

Além de relatar toda a história em torno dos assédios cometidos por Weinstein, as autoras promovem a reflexão do leitor transmitindo a mensagem através do olhar das vítimas, usando um texto rico em detalhes. Investigação e literatura fazem parte da construção dessa obra e é a partir disso que estabelecemos os conceitos a serem estudados no presente artigo.

As jornalistas Jodi Kantor e Megan Twohey vêm se destacando nos últimos anos em matérias com abordagem investigativa, e sempre trazendo o gênero de alguma forma, como em *The Obamas* onde Kantor fala sobre Michele Obama e sua importância na presidência de seu marido, ou até mesmo na matéria sobre os assédios sexuais cometidos por Donald Trump escrita por Twohey, matéria essa que fez seu nome ser lembrado para a concepção deste trabalho falando de Harvey Weinstein.

⁴ A tradução em português quer dizer “notícias falsas”. Esse termo se refere à notícias falsas ou imprecisas que são publicadas, em grande parte e principalmente, na internet. (GRUPO EMEDIA, 2020)

Na concepção do trabalho, foi utilizado o conceito da Estrela de Sete Pontas, teoria do jornalista e professor Felipe Pena, que é utilizada para análise de textos e livros jornalísticos que se caracterizam como literários. As características do Jornalismo Investigativo, apontadas pelo Jornalista Leandro Fortes, também foram utilizadas para a elaboração desse trabalho.

Para atingir a finalidade deste artigo, estipulou-se os seguintes procedimentos metodológicos: do ponto de vista da natureza, a pesquisa é básica, a abordagem de problema é qualitativa, da perspectiva dos objetivos, é descritiva, e com relação aos processos técnicos é bibliográfico.

2 JORNALISMO LITERÁRIO.

Não há uma data definida para o início do jornalismo. Pesquisadores afirmam que ele surgiu juntamente com a primeira comunicação humana, ainda na Pré-história. Segundo Pena (2011), o jornalismo pode ser dividido em cinco épocas distintas: 1) Pré-história do Jornalismo: 1631 a 1789, 2) Primeiro Jornalismo: 1789 a 1830, 3) Segundo Jornalismo: 1830 a 1900, 4) Terceiro Jornalismo: 1900 a 1960 e 5) Quarto Jornalismo: de 1960 em diante.

Dentro destas cinco épocas, podemos encontrar a influência da Literatura na imprensa no Primeiro e Segundo jornalismo, localizados nos séculos XVIII e XIX. Conforme explica Pena (2011, p. 28), “estamos falando justamente [...]quando escritores de prestígio tomaram conta dos jornais e descobriram a força do novo espaço público”. Esta influência não se marcava somente pela presença dos escritores nas redações, mas sim pela linguagem e conteúdo diferenciado produzido nos jornais, resultado dessa presença.

Por volta de 1830 surgiram os folhetins, gênero que mescla ficção e romance, e eram publicados em jornais e revistas. Conforme Lima (2018, p. 5), “as publicações atingiam todas as classes sociais, onde os jornais e revistas eram contemplados por romances, com edições periódicas”.

Os folhetins contavam com características específicas que os asseguravam uma exclusividade narrativa. Pena (2011) relata que a linguagem utilizada era simples e acessível, pois o mesmo era destinado a um público vasto, de todas as classes. A

narrativa também utilizava recursos como estereótipos, clichês e estratégias correlatas, o que garantia uma homogeneização cultural deste público.

Marcos (2017, p. 5) aponta que “foi com o folhetim que muitos autores famosos acabaram entrando para o mundo da imprensa. Grandes nomes como Victor Hugo, Charles Dickens e Walter Scott publicaram suas obras, primeiramente, em formato de folhetim”.

Por volta da década de 1960, um movimento conhecido como *New Journalism* invade a imprensa americana por meio de seu precursor Tom Wolfe. Esse momento ficou conhecido como o advento do Novo Jornalismo e marca o surgimento do jornalismo literário, sendo inseridas as técnicas literárias no texto jornalístico. Segundo Pena (2011), os profissionais da imprensa não estavam satisfeitos com as regras impostas através do *lead*, estas com a intenção de promover objetividade ao texto.

Conforme Wolfe (2005 apud Marcos, 2017, p. 06), “o principal objetivo do *New Journalism* é evitar o entediante tom dos relatórios, uma característica comum da imprensa objetiva. Para ele, os repórteres devem ser mais subjetivos, além de ter mais liberdade, já que não é preciso ser um escravo do manual de redação”.

Pena (2011, p. 54) afirma que “o texto deve ter valor estético, valendo-se sempre de técnicas literárias”. O autor ainda cita os quatro recursos básicos para se fazer o Novo Jornalismo: reconstruir a história cena a cena; registrar diálogos completos; apresentar as cenas pelos pontos de vista de diferentes personagens; registrar hábitos, roupas, gestos e outras características simbólicas do personagem. Através desses quatro recursos, o leitor consegue imaginar o ambiente e a cena descrita pelo jornalista, promovendo uma aproximação entre leitor e imprensa.

O jornalismo convencional e o jornalismo literário possuem características diferentes. Vistos pelo público externo, podem até parecer a mesma coisa, puramente jornalismo, mas quando analisados de perto é encontrado uma diversidade de modelos.

Lima (2014, p. 14) explica que:

Os dois modelos compartilham um mesmo propósito central, comum a todo jornalismo, qualquer que seja seu tipo: comunicar, através de mensagens articuladas conforme regras, preceitos, procedimentos ou técnicas específicas, acontecimentos e situações da vida real. A maneira como um e

outro busca cumprir esse papel, porém, difere em muito, assim como difere o propósito de cada um.

No jornalismo convencional, aquele feito diariamente na correria das redações, o ideal é que a matéria contenha um resumo dos fatos, e apresente as informações principais do ocorrido no início do texto. Isso justifica a utilização do *lead*⁵ no dia a dia, pois leva o profissional da imprensa a apresentar essas informações logo no primeiro parágrafo.

Conforme reforça Lima (2014, p. 14), “o objetivo é passar a informação básica, colocar ao seu alcance os elementos principais do acontecimento, de modo que tenha uma boa ideia do que ocorreu. [...]o propósito de um texto desse tipo é passar a informação de que algo ocorreu, pura e simplesmente”.

Com o jornalismo literário acontece quase o inverso apresentado no jornalismo convencional. A informação passada deve ser detalhada e ambientada ao máximo, para que o leitor possa ter uma experiência sensorial dos fatos.

Um dos modos utilizados para contar o fato é a *cena*. Lima (2014, p. 15) explica a natureza visual deste meio de transmitir uma história ao leitor:

Em lugar de *contar* indiretamente o que aconteceu, *mostra*. Mais do que simplesmente passar uma informação, a cena procura colocar o leitor *dentro* do acontecimento. Busca fazer com que o leitor *viva* um pouco, pelo menos, o que o repórter presenciou. [...] O que acontece tem movimento, as pessoas são retratadas com vivacidade.

Algo que pode contextualizar a diferença entre esses dois modos de fazer jornalismo é: o jornalismo literário procura despertar os sentidos do leitor. Visão, audição, olfato, tato e paladar são estimulados de uma certa forma, enquanto o jornalismo convencional apela para o raciocínio lógico.

Na vida real, os lugares onde as coisas acontecem têm cheiro. As pessoas e os objetos têm formas e tamanhos. Têm cores. Os ambientes geralmente têm sons. As pessoas falam alto ou baixo, há ruídos em torno, barulhos distantes podem chegar até o local. Tudo isso apela para os sentidos humanos (LIMA, 2014, p. 15).

⁵ Estratégia Narrativa que auxilia o jornalista na construção de um texto objetivo, e padroniza redações. Ela propõe que o primeiro parágrafo do texto responda a seis perguntas: Quem? O quê? Como? Onde? Quando? Por quê?.

Apesar de trazer esses elementos sensoriais para o texto, o jornalismo literário não deixa de lado as informações básicas utilizadas prioritariamente no jornalismo convencional, mas utiliza delas para oferecer ao leitor um material mais completo.

ESTRELA DE SETE PONTAS.

A estrela de sete pontas é uma teoria jornalística criada por Felipe Pena. Segundo Pena (2011, p. 13), “são sete diferentes itens, todos imprescindíveis, formando um conjunto harmônico e retoricamente místico, como a famosa estrela”. A teoria ensina jornalistas a identificar sete itens necessários para o jornalismo literário diferenciar-se do feito no cotidiano.

A primeira ponta da estrela de Pena (2011) reforça o papel desenvolvido pelo jornalismo literário: **potencializar os recursos do jornalismo**. Este item conceitua que o jornalista literário não deve ignorar o que aprendeu no jornalismo diário, mas desenvolver seu texto convencional acrescentando a ele novas abordagens e métodos de escrita. Isso significa que apuração rigorosa, ética jornalística e a capacidade de passar a mensagem com clareza para o leitor, não devem perder a importância em meio à escrita diferenciada do jornalismo literário.

De acordo com Lima (2018, p. 9), neste caso “potencializar pode ser definido como a utilização do conhecimento do jornalista, objetivando abrir novos horizontes e sair da zona de conforto”. Desse modo, além de aproveitar os conhecimentos já adquiridos por meio do jornalismo diário, o profissional tem a oportunidade de ampliar as técnicas utilizadas em seu trabalho.

A segunda ponta da estrela é marcada por **ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano**. Pena (2011) propõe ao jornalista literário romper com a periodicidade e a atualidade, não se preocupando com o *deadline*, momento de fechamento do jornal, em que o jornalista deve entregar sua reportagem. Isso dá ao profissional jornalista um tempo para construir seu trabalho, sem as regras fixadas pelo jornalismo contemporâneo.

Um ponto deste tema é que a novidade não é necessária: o jornalista não precisa se preocupar com o desejo do leitor de consumir fatos imediatos, pois seu dever agora é oferecer a esse leitor uma visão da realidade, buscando contar histórias fora do contexto normalmente utilizado.

A terceira ponta da estrela sugere justamente **proporcionar uma visão diferente da realidade que normalmente é apresentada**. Conforme Pena (2011, p. 14), “a preocupação do Jornalismo Literário, então, é contextualizar a informação da forma mais abrangente possível – o que seria muito mais difícil no exíguo espaço de um jornal”. O jornalista, neste caso, deve contextualizar as histórias que serão contadas, relacioná-las a outros fatos, compará-las com diferentes abordagens, trazendo assim um conteúdo pleno ao leitor. Tudo isso significa que para produzir um texto literário, o profissional irá fazer uma pesquisa extensa comparada à feita tradicionalmente, e deve mostrar essa carga de pesquisa em seu trabalho.

Em quarto lugar, Pena (2011) diz que é **preciso exercitar a cidadania**. Aliás, o autor assinala este como um dever, um compromisso com a sociedade. Com isso, o jornalista deve trabalhar na abordagem de seu texto, pensando em como ele contribuirá com a sociedade, com o bem comum. Conforme Lima (2018), humanizando a pauta desta maneira, retratando a sociedade, os leitores poderão se identificar e sentir-se representados no texto.

Romper as correntes do lead é o que propõe a quinta ponta da estrela. Conforme Pena (2011, p. 14), “o *lead* é uma estratégia narrativa inventada por jornalistas americanos no começo do século XX com o intuito de conferir objetividade à imprensa”. Conhecido também como cabeça da matéria, ele apresenta as informações mais importantes no primeiro parágrafo do texto, respondendo a seis perguntas básicas: Quem? O quê? Como? Onde? Quando? Por quê?.

Apesar de trazer agilidade e um padrão a ser seguido pelas redações, o *lead* deve ser deixado de lado, ou reformulado nos textos literários do jornalismo. Pena (2011) afirma que, por conta desta fórmula, a pasteurização dos textos é nítida e leva os jornalistas a perderem seu estilo próprio de escrita. A solução para isso é criar narrativas próprias, aplicando técnicas literárias na produção.

A sexta ponta da estrela fala sobre **evitar as fontes primárias**, ou como define Pena (2011), os entrevistados de plantão. Essas fontes são pessoas que ocupam algum cargo público ou função específica, e aparecem com frequência nos

jornais. Por conta do tempo limitado no Jornalismo diário, os repórteres costumam recorrer diariamente a esse tipo de fonte, o que acaba criando um ciclo vicioso entre esses.

A partir disso, evitar as fontes primárias propõe ao jornalista trazer uma pluralidade de fontes e dar voz a quem não aparece nas páginas do jornal, e que pode trazer uma visão diferente dos fatos para o leitor. Nesta categoria de fontes entra o cidadão que, por vivenciar uma realidade diferente das fontes oficiais, traz consigo uma abordagem nova. Isso oferece ao jornalista um múltiplo material de trabalho, pois incentiva a apresentar essa abordagem distinta em sua narrativa.

A última ponta da estrela é a **perenidade**, que propõe a permanência do texto literário no jornalismo. Segundo Pena (2011, p. 15):

Uma obra baseada nos preceitos do Jornalismo Literário não pode ser efêmera ou superficial. Diferentemente das reportagens do cotidiano, que, em sua maioria, caem no esquecimento no dia seguinte, o objetivo aqui é a permanência. Um bom livro permanece por gerações, influenciando o imaginário coletivo e individual em diferentes contextos históricos.

Para atingir este objetivo, o profissional da imprensa pode usar a pluralidade na escolha do tema. Conforme Lima (2018) ao fugir do comum e explorar os detalhes, o jornalista consegue diferenciar seu trabalho das reportagens factuais que precisam do imediatismo.

3 JORNALISMO INVESTIGATIVO.

Considerado, às vezes, redundante, levando em conta que todo jornalismo deve ser investigativo, o termo ainda hoje é criticado por estudiosos e jornalistas. Apesar das discussões acerca do Jornalismo Investigativo ser ou não um gênero jornalístico, o mesmo deixou de ser uma resolução para se tornar uma área de especialização. Fortes (2005, p. 9) diz que “virou um nicho, uma marca e um símbolo de *status* dentro do jornalismo”.

As técnicas de jornalismo no geral são parecidas e independem de gênero, contando somente com alterações em seus métodos e circunstâncias. Conforme afirma Fortes (2005, p. 35), “o que diferencia o jornalismo investigativo dos demais

setores da atividade são as circunstâncias, normalmente mais complexas, dos fatos, sua extensão noticiosa e o tempo de duração que, necessariamente, deve ser maior, embora quase sempre exercido sobre pressão”.

Fortes (2005) criou uma divisão em fases para o jornalismo investigativo, que funciona como um passo a passo a ser seguido. Analisando essas fases apontadas por Fortes (2005), é possível perceber que são características que um jornalista investigativo deve possuir.

A primeira característica aponta que a **pesquisa minuciosa** de cada detalhe dos fatos deve ser feita com um olhar atento e crítico. Segundo Fortes (2005, p. 35), “o olho do repórter investigativo tem que suplantar a pura curiosidade, assumir um quê de detetive mesmo”. Esse olhar crítico apontado por Fortes deve fazer parte de todo jornalista, investigativo ou não.

Nesta fase é necessário que o jornalista não se prenda às fontes oficiais, mas sim, que procure chegar até as pessoas menos prováveis como fontes. Como afirma Fortes (2005, p. 36), “o olho do repórter é que vai descobrir por entre qual brecha se pode chegar à notícia”. Essa parte do conceito pode ser atrelada à sexta ponta da estrela de Pena (2011) que fala que o jornalista deve evitar as fontes primárias, dando voz a personagens que dificilmente aparecem nos jornais.

Levando em conta que uma investigação é demorada, **paciência e concentração** é a segunda característica. Matérias investigativas envolvem documentos, dados, estatísticas, leis, além de, claro, fontes. Segundo Fortes (2005), o jornalista investigativo não deve ser simplório em sua análise, pois a informação estará no cruzamento de um ou mais itens de pesquisa.

Insistência e perseverança, são apontadas como a terceira característica. Matérias investigativas vão procurar algo que alguém quer esconder, e nem sempre haverá a colaboração das fontes ou das partes interessadas. Conforme aponta Fortes (2005), o jornalista deverá seguir sua própria intuição para seguir em uma investigação. O faro jornalístico faz parte desse processo.

Outro ponto a ser destacado é que o jornalista deve dar uma **atenção especial** aos diversos tipos de documentos disponíveis para sua pesquisa, públicos ou não. Fortes (2005) destaca aqui aqueles documentos menos lembrados por todos: Relatórios de empresas, registros de imóveis, certidões, contratos e processos judiciais, além de reportagens antigas de jornais e revistas que também contam como

documentos em uma investigação. Um jornalista investigativo, se atento aos documentos públicos veiculados nos próprios jornais pelo governo, consegue grandes reportagens.

O jornalista investigativo deve obter um grande número de informações ou “pistas”. Para isso, são necessárias **entrevistas, muitas entrevistas**. Gravar cada uma delas, é também um cuidado apontado por Fortes (2005), assim como armazená-las em um local seguro de acesso limitado. O autor aponta que é comum após a publicação de reportagens investigativas, que fontes mandem cartas para a redação alegando não terem dito algum fato. Através desse ponto, podemos observar a importância da dica dada por ele.

Conhecimento policial básico é outra característica importante. É de valia para o jornalismo, entender sobre investigação policial. Conforme afirma Fortes (2005, p. 38):

Esse tipo de cobertura, a policial, não deve ser feita de forma empírica, tanto que é um dos setores mais especializados da imprensa no mundo todo. [...] Faz, por exemplo, com que o jornalista passe a trabalhar sobre hipóteses plausíveis e aprenda a se safar de falsas pistas e manipulações de fontes inescrupulosas.

Com o conhecimento técnico adequado, o jornalista consegue com facilidade extrair as informações que precisa, e não ser prejudicado por fontes mal intencionadas.

O sétimo ponto que um jornalista investigativo deve ter é **curiosidade e desconfiança**. Fortes (2005) afirma que essas características devem andar unidas em uma cobertura investigativa, pois enquanto a curiosidade leva o jornalista a encontrar um fato, a desconfiança pode dar a ele a cautela necessária para não entrar em uma situação perigosa, o que pode acontecer em uma investigação.

Discrição é algo que não deve ser deixado de lado em uma investigação. O repórter não deve se inserir na vida das fontes. É um modo que o jornalista encontra de se resguardar das reações desconfortáveis que uma reportagem deste gênero pode trazer. Conforme Fortes (2005, p. 40), “o jornalista investigativo deve, na medida do possível, caminhar pela sombra, ser pouco conhecido, não se deixar fotografar, falar o mínimo possível ao telefone e manter uma relação estritamente profissional com as fontes”.

Algo que é essencial no jornalismo como um todo, a arte de **checar** as informações pode livrar o jornalista de problemas, principalmente tratando-se da área investigativa que aborda assuntos sensíveis. Isto deve ser feito não somente uma vez, mas diversas vezes, pois o jornalista é humano, e pode cometer erros. Fortes (2005) afirma que pode ser necessário, até mesmo, abandonar uma reportagem, se não puder verificar a veracidade de uma informação nela contida. Uma dúvida em reportagem investigativa pode gerar tragédia.

Libertar-se de preconceitos é outra dica dada pelo autor. Ele reforça que o jornalista “nunca parta de princípios pessoais, religiosos, ideológicos ou coisa que o valha para definir o rumo de sua apuração” (FORTES, 2005, p. 40). Por mais que o jornalista tenha valores e princípios pessoais, esses não devem interferir em seu trabalho.

O jornalista investigativo recebe e lida diariamente com informações: são fontes, documentos, gravações, reportagens, livros, enfim, um material de pesquisa para a construção da matéria. Manter os **arquivos organizados** pode auxiliar na rapidez para encontrar as informações pertinentes de acordo com o tema. Conforme Fortes (2005, p. 41), “quanto maior a reportagem, maior a necessidade de contextualização daquilo que se escreve”. Uma dica do autor é usar pastas e envelopes para separar os itens.

Frieza, objetividade e precisão é outro ponto tratado por Fortes (2005). O autor aborda esses itens no sentido de oferecer respeito às fontes, por mais que o profissional jornalista no âmbito pessoal não as considere dignas de respeito. A ideia aqui é deixar que o próprio leitor dê os adjetivos aos personagens tratados na reportagem, e não os descrever de forma a influenciar o pensamento de seu leitor.

O leitor é a razão desse empenho, portanto é indispensável conquistar a **lealdade do público**. Fortes (2005, p. 42) afirma que:

Toda investigação levada a cabo por um repórter deve ter como fundamento o interesse coletivo, a ética humana, a preservação da democracia e todas essas coisas bonitas que fazem da profissão motivo de orgulho para quem a exerce com paixão e destemor. Repórter que só faz o que o patrão manda, incapaz de se contrapor a ordens absurdas ou desmandos editoriais, está na profissão errada.

O jornalista investigativo deve ter **coragem e responsabilidade** naquilo que produz. A área pode oferecer risco ao profissional, pois costuma mexer com grandes interesses. “O bom repórter é corajoso, mas não é burro”, afirma Fortes (2005, p. 42). É preciso que o jornalista reconheça até onde pode avançar por uma pauta.

Respeito às fontes é algo que pode elevar um jornalista a um outro nível. O jornalismo é feito de fontes e de seus relatos, portanto respeitar o que foi acordado é necessário para a reputação não só do jornalista, mas de seu veículo.

Por fim, a última característica apontada pelo autor é **clareza e simplicidade**. Fortes (2005, p. 43) afirma que tais características “devem pautar a construção do texto [...], para que o resultado de uma apuração tão trabalhosa como a de uma investigação jornalística não termine em um emaranhado de nomes, números, vocábulos e expressões ininteligíveis”. Neste item cabe lembrar da objetividade (alavancada pelo uso do lead) na construção do texto.

4 ANÁLISE DOS DADOS.

*Harvey Weinstein Pagou Acusadores de Assédio Sexual Por Décadas*⁶ é uma reportagem investigativa⁷ feita pelas jornalistas Jodi Kantor e Megan Twohey do The New York Times (NYT) que foi publicada em 05 outubro de 2017 e impulsionou o movimento #MeToo em todo o mundo, estimulando a criação de leis e políticas relacionadas ao assédio sexual. Na matéria as jornalistas expõem relatos reveladores de mulheres que trabalharam com o produtor Harvey Weinstein na indústria cinematográfica, de atrizes conhecidas a secretárias que atuavam nas diversas sedes da *Weinstein Company* e *Miramax Films*.

O que caracteriza o jornalismo investigativo é a divulgação de informações, no gênero narrativo “reportagem”, sobre as ações das instituições governamentais ou de empresas privadas que sejam prejudiciais ao interesse público e afetem a sociedade. As reportagens resultam do trabalho de

⁶ Do original: *Harvey Weinstein Paid Off Sexual Harassment Accusers for Decades* [Tradução da autora]

⁷ O termo reportagem investigativa é cunhado em 1964, nos EUA, quando o prêmio Pulitzer categoria reportagem foi para o jornal Bulletin, que denunciou por meio de uma série de textos jornalísticos a corrupção de oficiais da corporação policial envolvidos em uma rede de “jogatina” na cidade de Philadelphia. (ROCHA, NORONHA, 2015, p. 05)

apuração das informações pelos repórteres, que não se limitam a reproduzir informações “vazadas” por fontes informativas para as redações dos jornais. (AGUIAR, 2006, p. 75)

Em setembro de 2019 é publicado o livro *Ela Disse*⁸, em que é apresentado ao público os bastidores de toda a apuração jornalística por trás da reportagem feita por Kantor e Twohey, com detalhes da investigação anterior à publicação e os desdobramentos que vieram depois desta. O livro, além de apresentar ao público ainda mais informações sobre a história em si, aponta as discussões levantadas por conta do assunto da reportagem na sociedade.

Nos meses que se seguiram às revelações que fizemos sobre Weinstein, conforme o movimento #MeToo explodia, também explodiram novas discussões que iam desde estupro conjugal até abuso sexual infantil, discriminação por gênero e ainda situações constrangedoras em festas. Isso fez o debate público parecer rico e profundo mas também confuso: os objetivos eram eliminar o assédio sexual, mudar o sistema de Justiça criminal, acabar com o patriarcado ou flertar sem ofender? Será que o acerto de contas tinha ido longe demais, com homens inocentes tendo sua reputação manchada sem que houvesse provas convincentes? Ou não tinha ido longe o suficiente, dada a frustrante falta de uma mudança sistêmica? (KANTOR, TWOHEY, 2019, p.13)

Por conta da reportagem, as duas jornalistas receberam o Prêmio Pulitzer por serviço público em 2018, prêmio George Polk e foram nomeadas para a lista da revista *Time* entre as 100 pessoas mais influentes do ano

Jodi Kantor foi a primeira jornalista escalada para fazer essa matéria. A correspondente do NYT acumula em sua carreira investigações ligadas à política, gênero e tecnologia. Anterior ao *Ela Disse*, publicou, em 2012, o livro *Os Obamas*, onde contou a trajetória da adaptação de Barack Obama e sua esposa Michelle à Casa Branca, e o importante papel da primeira-dama na presidência. Em 2006, ela foi responsável por contar a história de mães de diferentes classes e seus direitos relacionados à amamentação, tanto no ambiente de trabalho quanto escolar, que resultou na criação das primeiras estações de lactação independentes, hoje instaladas em todo o país.

Megan Twohey entrou no NYT em 2016 para investigar o atual presidente dos Estados Unidos, Donald Trump de diversas acusações de âmbito político, entre

⁸ Do original: *She Said* [Tradução da autora]

elas algumas acusações de assédio sexual contra mulheres no passado. Além dessa investigação, a jornalista trabalhou em relatórios sobre médicos exploradores, nos quais revelou kits de estupro não testados e descobriu uma rede secreta subterrânea de crianças adotivas indesejadas abandonadas por seus pais. Esses relatórios feitos por Megan auxiliaram na criação de novas leis destinadas a proteger este público. Por conta de seu histórico de trabalho relacionado ao gênero, Rebecca Corbett sugeriu a Jodi que pedisse a ajuda de Megan na investigação sobre Weinstein.

Para entender a forma como o jornalismo literário é mostrado na reportagem, vamos dividi-la em algumas partes que serão analisadas utilizando uma das teorias que explica o gênero, a Estrela de Sete Pontas, de Pena (2011). Para a elaboração desta pesquisa foram utilizados procedimentos metodológicos de natureza básica e abordagem qualitativa. Segundo Menezes et al. (2019, p. 29), “numa pesquisa de cunho qualitativo, a interpretação do pesquisador apresenta uma importância fundamental”. Isso porque uma pesquisa deste tipo não leva em consideração apenas fatos e dados, mas a visão do pesquisador.

A perspectiva dos objetivos da pesquisa é descritiva, isto é, faz um levantamento de determinadas características de um grupo, observa as crenças e as relaciona. Conforme Menezes et al. (2019, p. 32) “a pesquisa de cunho descritivo é aquela que busca fazer “a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou [...] o estabelecimento de relações entre variáveis”.

Por fim, o procedimento técnico utilizado para a concepção dessa pesquisa é bibliográfico. Segundo Menezes et al. (2019, p. 37) a pesquisa bibliográfica “utiliza fontes bibliográficas ou material elaborado, como livros, publicações periódicas, artigos científicos, impressos diversos ou, ainda, textos extraídos da internet”.

As jornalistas iniciam seu texto contando a experiência que algumas mulheres tiveram com o produtor Harvey Weinstein quando convidadas para reuniões de negócio. A primeira apresentada no texto é a atriz Ashley Judd. Hoje com 52 anos, ela já participou de filmes como Risco Duplo, Divergente e O Fada do Dente. Na época, a atriz estava no início de sua carreira.

Duas décadas atrás, o produtor de Hollywood Harvey Weinstein convidou Ashley Judd para o hotel Peninsula Beverly Hills para o que a jovem atriz esperava ser uma reunião de negócios no café da manhã. Em vez disso, ele a mandou para o quarto, onde apareceu em um roupão de banho e perguntou

se poderia lhe fazer uma massagem ou se ela poderia vê-lo tomar banho, lembrou em uma entrevista. (KANTOR, TWOHEY, 2017)

O trecho citado é o primeiro parágrafo da reportagem e fornece ao leitor uma ideia do que virá a seguir. Nele, conseguimos pontuar conceitos baseados em duas das pontas da estrela de Pena (2011). A primeira, trata de potencializar os recursos do jornalismo, e a quinta, propõe ao jornalista romper com as correntes do *lead*. Ao iniciar o texto mostrando ao leitor a história de uma das mulheres assediadas por Weinstein, as autoras deixam de lado o lead e suas amarras para se utilizarem de um estilo próprio de escrita, sensibilizando o público logo no primeiro contato com o texto. Elas detalham a história, instaurando o sentimento de Judd ao perceber o motivo daquela reunião de negócios, através da mudança de rumo ocorrida.

A história segue apresentando mais duas mulheres que trabalharam com Weinstein. Estas, não eram celebridades e, nem mesmo, procuravam construir uma carreira no cinema: uma delas, Emily Nestor, atuava como funcionária temporária e a outra, era uma assistente.

Em 2014, Weinstein convidou Emily Nestor, que havia trabalhado apenas um dia como funcionária temporária, para o mesmo hotel e fez outra oferta: se ela aceitasse seus avanços sexuais, ele impulsionaria sua carreira, de acordo com relatos fornecidos a colegas que os enviaram aos executivos da Weinstein Company. No ano seguinte, mais uma vez na Península, uma assistente feminina disse que Weinstein a obrigou a fazer uma massagem enquanto ele estava nu, deixando-a "chorando e muito perturbada", escreveu uma colega, Lauren O'Connor, em um memorando que afirmava assédio sexual e outras más condutas cometidas por seu chefe. (KANTOR, TWOHEY, 2017)

Neste trecho, podemos perceber a presença da sexta ponta da estrela, em que o repórter deve evitar as fontes primárias, trazendo para seu texto uma pluralidade de personagens. Ao mesclar histórias de atrizes, assistentes de escritório e, até mesmo, a de uma funcionária temporária que atuou por apenas um dia na empresa de Weinstein, as jornalistas mostram para o leitor que, independentemente do cargo ocupado, as mulheres que passaram por alguma situação semelhante com o produtor tinham um lugar para contar suas histórias.

Marcos (2017, p. 7) afirma que "é preciso ouvir o cidadão comum, fontes anônimas que podem oferecer um ponto de vista completamente diferente". É perceptível ao longo do texto de Kantor e Twohey que elas não pouparam esforços

para trazer mulheres que representassem todas que conviviam diariamente com Weinstein no ambiente de trabalho.

A reportagem apresenta ao leitor, do início ao fim do texto, acusações feitas por funcionárias, ou colegas de funcionárias, transcritas no memorando de Lauren O'Connor. A funcionária escreveu por cerca de dois anos, e apresentou a carta a diferentes executivos da empresa dirigida por Harvey Weinstein, o que foi um ponto chave para a acusação feita ao empresário.

Mesmo tendo ajudado diversas mulheres com seu memorando, a própria Lauren teve suas divergências com Weinstein, e afirmou algumas vezes sentir-se parte deste jogo de poder feito pelo chefe, como afirmam Jodi e Megan (2017) em sua reportagem:

Embora O'Connor tenha escrito apenas cerca de dois anos, seu memorando ecoou as queixas de outras mulheres. Weinstein exigia que ela discutisse com atrizes aspirantes depois de terem compromissos particulares em seu quarto de hotel, disse ela, com a descrição correspondendo à de outros ex-funcionários. Ela suspeitava que ela e outras funcionárias da Weinstein, ela escreveu, estavam sendo usadas para facilitar as ligações com "mulheres vulneráveis que esperam que ele faça com que elas trabalhem". (KANTOR, TWOHEY, 2017)

Relatar que até mesmo a pessoa que divulgou tudo que sabia e auxiliou para que a história viesse à tona, e assim pudesse ser feita justiça, sentia-se manipulada de alguma maneira pelo chefe, mostra como as mulheres ligadas a Weinstein, até mesmo as que não sofreram assédio sexual, sentiam os efeitos de seu poder.

Quando uma hóspede sua teve que esperar por um upgrade no quarto de hotel, ele gritou que O'Connor seria melhor se casasse com um homem "judeu rico e gordo" porque ela provavelmente era boa em "ser esposa" e "fazendo bebês", ela escreveu em seu memorando. (Ele acrescentou alguns palavrões, ela disse). (KANTOR, TWOHEY, 2017)

A quarta ponta da estrela afirma que o jornalista deve exercitar a cidadania, buscando apresentar em sua matéria fatos que contribuam com a sociedade. Marcos (2017, p. 7) reitera que "o jornalista deve ter compromisso com a sociedade e suas

matérias devem contribuir, de alguma forma, com a formação do cidadão”. Ao explorar mais a história de Emily Nestor, as jornalistas fazem uso deste conceito.

Kantor e Twohey (2017) contam em sua reportagem que a “estudante de Direito e Administração de Empresas, aceitou o convite de Weinstein para o café da manhã na Península porque ela não queria perder uma oportunidade[...]”. Mas na reunião o produtor fez o que já havia feito com muitas mulheres: prometeu ajudá-la a subir na carreira enquanto contava as diversas atrizes famosas com a qual já tinha ido para a cama. Como outras mulheres que passaram por isso, Nestor desabafou com colegas após o ocorrido.

“Ela disse que ele era muito persistente e concentrado, embora continuasse dizendo não por mais de uma hora”, disse um documento interno. Nestor, que se recusou a comentar este artigo, recusou sua barganha, observaram os registros. ‘Ela ficou desapontada por ele ter se encontrado com ela e não parecia interessado em seu currículo ou conjunto de habilidades’. A jovem optou por não denunciar o episódio ao pessoal de recursos humanos, mas as alegações chamaram a atenção da gerência por meio de outros funcionários. (KANTOR, TWOHEY, 2017)

As jornalistas apresentam a jovem estudante e detalham seu desapontamento com o ocorrido, quando a única coisa que almejava era uma oportunidade de conseguir um bom cargo. O leitor pode se identificar com esta parte pois representa estudantes das áreas mais variadas, que assim como Nestor buscam construir carreira, e mostram sua dignidade quando submetidas a situações como essa, dando embasamento ao conceito sugerido por Pena (2011) da quarta ponta da estrela (exercitar a cidadania), trazendo a sociedade uma reflexão. Por mais que a jovem almejasse aquilo, recusou qualquer tentativa de pagamento feita por Weinstein, e optou por não continuar na empresa e não denunciar o episódio ao setor de Recursos Humanos.

Na reportagem, as histórias mudam de personagem, mas o enredo é o mesmo: Harvey Weinstein e uma mulher, cafés em quartos de hotéis que eram para ser reuniões de negócio, mas acabam se tornando uma marca triste na vida de cada mulher que passou por isso. Os hotéis Península Beverly Hills e o Savoy em Londres, o Hôtel du Cap-Eden-Roc perto do Festival de Cannes na França e o Stein Eriksen Lodge perto do Sundance Film Festival foram cenário de diversos desses episódios.

Trabalhar para Weinstein pode significar tirá-lo da cama de manhã e fazer o serviço de abertura de cama tarde da noite, preparando-o para dormir. Como a colega citada no memorando de O'Connor, alguns funcionários juniores necessários para executar essas tarefas disseram que eram perturbadores. (KANTOR, TWOHEY, 2017)

No trecho acima analisamos o conceito proposto na segunda ponta da estrela: ultrapassar os limites do acontecimento do cotidiano, não se preocupando mais com periodicidade ou atualidade. O que se busca explorar aqui são os episódios que vão além do dia a dia, que rompem uma rotina e não necessariamente são inéditos, mas mostram o quanto algo pode ser perturbador, humanizando a pauta.

Mas, em entrevistas, alguns dos ex-funcionários que disseram ter tido experiências perturbadoras com Weinstein fizeram uma pergunta comum: Como as acusações que repetem o mesmo padrão - jovens mulheres, um poderoso produtor masculino e até mesmo alguns dos mesmos hotéis - se acumularam por quase três décadas? (KANTOR, TWOHEY, 2017).

Os episódios relatados pelos funcionários e ex-funcionários de Weinstein não eram inéditos, não era algo novo para quem atuava diretamente com o produtor. Nas acusações trazidas na reportagem de Jodi e Megan havia desde histórias ocorridas três décadas atrás como histórias dos últimos dez anos.

Quando Weinstein convidou Judd para tomar o café da manhã em Beverly Hills, ela estava filmando o thriller "Kiss the Girls" a noite toda, mas a reunião parecia importante demais para ser perdida. Depois de chegar ao saguão do hotel, ela ficou surpresa ao saber que eles estariam conversando em sua suíte; ela decidiu pedir cereal, disse ela, para que a comida chegasse rapidamente e ela pudesse sair (KANTOR, TWOHEY, 2017).

O conceito da terceira ponta da estrela, proporcionar uma visão ampla da realidade, é evidenciado neste trecho. Como afirma Marcos (2017, p. 7) "o jornalista deve contextualizar a informação da maneira mais abrangente que conseguir", isso significa que é essencial relacionar fatos ao longo do texto, para trazer ao leitor uma informação ainda mais completa. As jornalistas iniciam o texto contando a história de Judd e ao longo do texto trazem mais relatos do episódio, evidenciando a gravidade do fato.

Lauren O'Connor não foi a única funcionária de Weinstein a tomar uma atitude frente ao chefe para auxiliar suas colegas. A reportagem conta que em outubro

de 1998, Zelda Perkins, uma assistente de Londres de 25 anos, confrontou Harvey Weinstein preocupada com o tratamento dado a uma colega no escritório. Nessa época, ela e as colegas eram submetidas a diversas solicitações ou comentários inadequados em quartos de hotel.

Ela disse a Weinstein que ele tinha que parar, de acordo com os ex-colegas, e que ela iria a público ou iniciaria uma ação legal, a menos que ele mudasse de comportamento. Steve Hutensky, um dos advogados de entretenimento da Miramax, foi enviado a Londres para negociar um acordo com Perkins e seu advogado (KANTOR, TWOHEY, 2017).

Zelda Perkins, hoje produtora de teatro em Londres, se recusou a comentar algo para a reportagem, ou confirmar se havia afirmado algum acordo com Weinstein.

Em março de 2015 a modelo italiana Ambra Battilana foi convidada por Weinstein para seu escritório do TriBeCa. Ela, que tinha pretensões na atuação, foi chamada pelo produtor para conversar sobre sua carreira. Como consta na reportagem (2017): “Em poucas horas, ela chamou a polícia. Battilana disse a eles que Weinstein havia agarrado seus seios depois de perguntar se eram reais e colocou as mãos na saia, segundo o relatório da polícia”.

Esse episódio foi um dos que alarmou o conselho da empresa de Weinstein sobre as atitudes tomadas por ele contra as mulheres que ali atuavam, mas além disso, fez com que diversas acusações contra ele fossem retomadas no Esquadrão Especial de Vítimas do Departamento de Polícia de Nova York e a notícia se espalhou nos tabloides do país.

Battilana foi uma das mulheres que fez um acordo com Weinstein, e recebeu uma quantia em dinheiro, com a condição de não comentar mais os fatos ocorridos com o produtor. Lance Maerov, um dos membros do conselho, afirmou logo após o ocorrido que um código de comportamento que incluísse linguagem detalhada sobre assédio sexual havia sido instaurado na empresa.

As jornalistas finalizam o seu texto contando que, logo após Maerov fazer essa afirmação, o memorando escrito por Lauren O’Connor chega até os membros do conselho, com diversas páginas de acusações contra Harvey Weinstein. O’Connor discorreu sobre acusações de muitas mulheres e as suas próprias, e descreveu a experiência de todas com a seguinte frase: "O equilíbrio de poder sou eu: 0, Harvey Weinstein: 10".

O último parágrafo do texto, no entanto, apresenta para o público o desfecho de toda a história com o memorando e mostra, mais uma vez, o poder de Harvey Weinstein.

Como esse assunto foi resolvido e nenhuma ação adicional é necessária, retiro minha reclamação", escreveu O'Connor em um e-mail ao chefe de recursos humanos seis dias após o envio de seu memorando. Ela também escreveu uma carta ao Sr. Weinstein agradecendo a oportunidade de aprender sobre a indústria do entretenimento (KANTOR, TWOHEY, 2017).

A sétima e última ponta da estrela a ser analisada no texto, pode ser encontrada neste trecho. Aqui o conceito de Pena (2011) propõe a perenidade do texto literário, a permanência da reportagem no cotidiano. Para atingir tal objetivo, uma reportagem não pode ser superficial, mas sim explorar detalhes através da pluralidade do tema e fugir do imediatismo.

Ao longo do texto, as jornalistas trazem relatos de acusações feitas por funcionárias de Weinstein, por meio do memorando de O'Connor, mas no último parágrafo é apresentado um desfecho não esperado pelo leitor: mesmo com todo o trabalho feito, a própria O'Connor apenas seis dias depois de entregar o documento, teve que aceitar uma "resolução" do problema feita pelo RH da empresa, agradecendo a oportunidade dada a ela.

Nesta última ponta, Pena (2011) afirma a importância de que o jornalista aprofunde o assunto, explorando outras faces da pauta. Através da pluralidade, o jornalista adquire propriedade para trazer assuntos que não conseguem ser tratados no dia a dia e pode trabalhar neles com profundidade, fazendo com que a reportagem não seja esquecida pelo leitor.

O trabalho investigativo feito por Jodi e Megan foi essencial para o sucesso da reportagem, e por conta dele conseguimos encontrar as características do Jornalismo Investigativo no artigo. Elas deram importância à pauta – e aos detalhes – que outros profissionais não deram. Focaram na pesquisa minuciosa sugerida por Fortes (2005), fugindo das fontes oficiais e óbvias, e explorando ao máximo o que a notícia tinha a oferecer, fazendo dezenas de entrevistas e indo atrás de documentos que as auxiliassem na construção da matéria.

Por conta do assunto tratado na matéria, duas das características citadas por Fortes (2005) ganham destaque: coragem e responsabilidade. Publicar uma

denúncia contra alguém poderoso vindo de um meio igualmente poderoso exige coragem e obstinação, algo que as jornalistas demonstraram ter pois não se abalaram em nenhum momento com as ameaças feitas por Weinstein caso a matéria fosse publicada, como é relatado no livro *Ela Disse* (2019). Além disso, é necessária muita responsabilidade para trazer histórias envolvendo o trauma e horror de muitas mulheres.

A investigação iniciou em 2016, mas somente em outubro de 2017 as jornalistas publicaram sua matéria. A partir desse fato podemos identificar mais características necessárias para a construção da reportagem investigativa: paciência e concentração, insistência e perseverança, respeito às fontes, discrição. Muitas fontes só aceitaram falar meses depois do primeiro contato de Jodi e Megan, outras aceitaram falar com a condição de não serem citadas, e tudo isso após muita troca de experiência entre fonte e profissional, ganhando a confiança e respeito do entrevistado. Talvez muitas dessas fontes não entrariam para o material de trabalhos das jornalistas se elas não tivessem paciência e perseverança para que isso acontecesse.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A história contada pelas jornalistas Jodi Kantor e Megan Twohey na reportagem *Harvey Weinstein Pagou Acusadores de Assédio Sexual Por Décadas* expõe a investigação minuciosa realizada por profissionais da comunicação e narra a longa história de relação abusiva entre um poderoso chefe de Hollywood e as diversas funcionárias que trabalharam com ele, fossem elas atrizes, secretárias ou até mesmo ajudantes de limpeza. É importante refletir como as autoras contam a história utilizando um jornalismo que deu voz a diversas mulheres e, com isso, a oportunidade de justiça.

Buscava-se com este artigo responder a seguinte questão: Como a reportagem *Harvey Weinstein Pagou Acusadores de Assédio Sexual Por Décadas* pode ser analisada pela abordagem do jornalismo literário da Estrela de Sete Pontas?

O trabalho foi pensado com a finalidade de analisar os conceitos do Jornalismo Literário utilizando o conceito da Teoria da Estrela de Sete Pontas de Felipe Pena (2011), e de explorar características do jornalismo investigativo da reportagem de Kantor e Twohey. Conseguiu-se observar que as jornalistas trazem características literárias em sua reportagem investigativa.

A humanização do texto jornalístico faz com que os leitores se aproximassem pelo abuso físico e psicológico sofrido pelas mulheres, e levanta um debate em sociedade, pois muitas mulheres podem passar por isso diariamente sem sequer serem notadas.

Foi possível observar as Sete Pontas da Estrela ao longo da reportagem. As jornalistas utilizam técnicas literárias na produção de seu texto, potencializando os recursos do jornalismo, detalhando as histórias das mulheres e relacionando-as, causando emoção e revolta no leitor pelo horror vivenciado. A investigação foi feita por cerca de dois anos, e é perceptível o trabalho de pesquisa feito pois ultrapassa o imediatismo e a factualidade, contando ao longo dos anos relatos de diversas mulheres que passaram pelas empresas de Weinstein. Kantor e Twohey mostram solidariedade às vítimas e senso de cidadania para com o leitor, ao trazer à tona histórias que são tabus em sociedade e quebram o cotidiano. Pluralizam fontes, trazendo histórias semelhantes tanto de atrizes já conhecidas pelo público quanto de estagiárias que atuavam na empresa, deixando a superficialidade.

Esta forma de escrita do jornalismo, utilizando-se de técnicas literárias e uma investigação longa e abrangente, possui potencial para estudos. Utilizar-se da narrativa literária e do jornalismo investigativo para contar histórias, dá ao profissional jornalista novas formas de abordagem. Existem hoje trabalhos científicos que abordam o Jornalismo Literário, bem como existem trabalhos voltados a explorar o Jornalismo Investigativo. Porém, poucos trabalhos abordam os dois juntos, fornecendo à academia a visão de como é relacioná-los, e essa seria uma ótima pesquisa a ser feita.

A reportagem de Kantor e Twohey abre os olhos do leitor para um fato que pode passar despercebido no dia a dia, e pode ser difícil pelo assunto tratado, porém é algo que nos leva a refletir sobre nossas atitudes como pessoas, parte de uma sociedade, além do real sentido de cidadania.

Por esse motivo a reportagem investigativa atrelada ao Jornalismo Literário, baseado no conceito da Estrela de Sete Pontas, mostra como o jornalista tem o poder de levar ao público assuntos pertinentes e fazer o leitor refletir a partir de suas palavras. Eu, como jornalista em formação, escolhi o jornalismo por gostar de contar histórias por meio da escrita, mas nunca quis ser só mais uma profissional que vai contar as histórias seguindo um padrão de texto como outros milhares. O jornalismo literário auxilia profissionais que, assim como eu, buscam contar suas histórias com um estilo próprio e querem levar ao seu leitor uma reflexão tocante e humana, pois nos permite acrescentar emoções ao texto, e atrelado ao jornalismo investigativo, fugir do simplismo e imediatismo.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Leonel. **O jornalismo investigativo e seus critérios de noticiabilidade:** notas introdutórias. Rio de Janeiro: Revista Alceu – PUC Rio, 2006.

EMIDIA. **O que são fake news?** Disponível em: <
<https://www.grupoemidia.com/blog/materia/o-que-sao-fake-news> > Acesso em: 06 Jul. 2020.

FORTES, Leandro. **Jornalismo Investigativo**. São Paulo: Contexto, 2005.

KANTOR, Jodi, TWOHEY, Megan. **Harvey Weinstein Paid Off Sexual Harassment Accusers for Decades**. Disponível em: <
<https://www.nytimes.com/2017/10/05/us/harvey-weinstein-harassment-allegations.html> > Acesso em: 05 Jul. 2020.

KANTOR, Jodi; TWOHEY, Megan. **Ela Disse:** Os bastidores da reportagem que impulsionou o #MeToo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LIMA, Eloise Rodrigues de. **Holocausto Brasileiro:** Uma análise do livro-reportagem pelo olhar de jornalista-autor e sua abordagem literária. 2018. Artigo (Graduação em Jornalismo) – Faculdade Satc, Criciúma, 2018.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Jornalismo Literário Para Iniciantes**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

MARCOS, Istefani. **A cobra fumou:** Uma análise das reportagens da segunda guerra mundial de Joel Silveira. 2017. Artigo (Graduação em Jornalismo) – Faculdade Satc, Criciúma, 2017.

MENEZES, Afonso. DUARTE, Francisco. CARVALHO, Luis. SOUZA, Tito. **Metodologia Científica Teoria e Aplicação na educação a distância**. Petrolina: Universidade Federal do Vale do São Francisco, 2019.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2011.

ROCHA, Paula. NORONHA, Mariana. **A teoria e a prática do jornalismo investigativo**: Uma análise das reportagens premiadas da Agência Pública. Palmas: Revista Observatório, 2015.

VEJA. **Você sabe o que é o movimento #MeToo?** Disponível em: <
<https://veja.abril.com.br/videos/veja-explica/voce-sabe-o-que-e-o-movimento-metoo-veja-explica/> > Acesso em: 05 Jul. 2020.